

ENSINO DE PIANO EM GRUPO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NO CURSO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR-BA

José Carlos Gonzaga dos Santos¹

Raimundo Mentor de Melo Fortes Filho²

RESUMO

O Ensino de Piano em Grupo teve sua origem no século XIX, na Irlanda, em 1815. Fez-se necessário a expansão de cursos e materiais escritos, tendo em vista a contribuição positiva desta nova modalidade pedagógica, a expandir-se para vários países. O presente trabalho traz como tema o Ensino de Piano em Grupo (EPG): um relato de experiência no curso de extensão da Universidade Católica do Salvador-BA. O objetivo geral desta pesquisa foi investigar, por meio de observação e questionário o processo de ensino-aprendizagem de piano em grupo, de duas turmas de alunos no curso de extensão da Universidade Católica do Salvador-BA (UCSAL). Os objetivos específicos foram: a) identificar as contribuições do piano em grupo para o aprendizado musical; b) analisar o desenvolvimento e metodologia aplicada às turmas de piano em grupo; c) correlacionar o feedback dos alunos entrevistados com o referencial teórico visitado. Para tanto, foi utilizado o método norte americano Piano 101 para o desenvolvimento da leitura e técnica pianística, em paralelo a isso foram aplicados arranjos de autoria própria, para serem executados em grupo ou individualmente, a fim de adaptar as canções brasileira para o desenvolvimento do repertório. A partir do que foi analisado quanto à metodologia do EPG aplicada e às entrevistas realizadas com os alunos, constatou-se que a metodologia correlata ao EPG foi eficaz pela dinamicidade, interatividade, criatividade, aprendizado recíproco, possibilitando a motivação no âmbito intrínseco e extrínseco dos alunos, essa modalidade de ensino possibilitou vinculações tais como: professor, aluno, ambiente, sociedade e universidade.

Palavras-chave: Piano em grupo. Aprendizado pianístico. Arranjos didáticos.

1 INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como enfoque o ensino de piano em grupo. A escolha desse tema se deu por meio da minha experiência como instrutor de piano no curso de extensão da Universidade Católica do Salvador-BA (UCSAL). A partir da minha experiência como professor autônomo nos moldes da aula individual, tenho

¹ Licenciado em Música, Universidade Católica do Salvador, josec.santos@ucsal.edu.br.

² Doutorado em Música, Universidade Federal da Bahia, raimundo.filho@pro.ucsal.br.

percebido que o ensino de piano em grupo é algo muito significativo, pela aprendizagem dinâmica e interação no processo do ensino-aprendizagem.

Além da troca de conhecimentos entre os alunos, pude perceber, que nos processos de ensino do piano em Grupo, os alunos se sentiram mais motivados para o desenvolvimento musical. Situação pela qual passei durante minha formação acadêmica em Licenciatura em Música na UCSAL, onde a metodologia da aula de piano é em grupo. Tal aporte metodológico propiciou-me possíveis discussões sobre alguns aspectos musicais com os colegas durante a aula. No decorrer do meu curso de Licenciatura em Música nesta Universidade, fui convocado para lecionar uma turma de extensão de piano da (UCSAL), na condição de instrutor, onde o formato era em grupo, algo que eu já havia vivenciado na condição de aluno dessa instituição.

Segundo Santiago (1995), a prática do piano em grupo viabiliza o aprendizado musical, sem prejudicar a qualidade da aula, tendo melhor aproveitamento do tempo do professor para abarcar mais turmas durante o dia. A implantação desse modelo de ensino fez-se necessário para a ampliação da pesquisa e no melhoramento dessa modalidade, pois com isso é possível desenvolver competências direcionadas a essa especificidade.

No Brasil, o curso de piano em grupo oferecido nas universidades brasileiras busca inserir alunos que estudam outros instrumentos musicais no curso básico de piano, preparando-os não especificamente para performance, uma vez que essa prática é para alunos da graduação em bacharelado em piano, mas para despertar a compreensão básica do instrumento (TORRES, 2014). Para este autor, a heterogenia das turmas faz com que o professor esteja atento a oferecer suporte diferenciado para cada aluno, uma vez que isso se torna muito significativo para o mesmo.

Nesse sentido, muitos teóricos no Brasil discutem essa prática pedagógica do ensino de piano em grupo (SANTIAGO, 1995; REINOSO, 2012, CERQUEIRA, 2009). Existem muitas possibilidades metodológicas para o ensino de piano em grupo, entretanto há a necessidade de recorrência aos métodos estrangeiros e a adaptação dos mesmos à realidade brasileira (MONTANDON, 1992).

De maneira geral, verifica-se que os métodos estrangeiros são significativos e dão contribuições para o desenvolvimento técnico-interpretativo, teoria e percepção musical de forma integrada. Muitos destes métodos, segundo Machado (2015), são conhecidos no contexto brasileiro. Dentre eles, pode-se destacar: “Alfred's Group piano for Adults”, dos autores Lancaster e Renfrow (1999); “Piano for Developing Musician”, de Hilley (2009); “Contemporary Class piano” de Mach (1996) e “Piano Lab: An Introduction to Class piano” de Lindeman (2008).

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar, por meio de observação e questionário, o processo de ensino-aprendizagem de piano em grupo, de duas turmas de alunos no curso de extensão da Universidade Católica do Salvador-BA (UCSAL). Como objetivos específicos: identificar as contribuições do piano em grupo para o aprendizado musical, analisar o desenvolvimento e metodologia aplicada às turmas de piano em grupo, correlacionar o feedback dos alunos entrevistados com o referencial teórico visitado.

Apesar dos métodos estrangeiros de piano em grupo apresentarem metodologias adequadas para o desenvolvimento técnico no instrumento piano, um dos problemas é que o repertório não é conhecido pelos estudantes brasileiros. Portanto, um dos aspectos negativos, que podem ser observados nestas ferramentas didáticas é o fato de serem descontextualizados da cultura musical brasileira.

O estudo sobre o desempenho dos alunos em aulas de piano em grupo, a partir de arranjos do repertório brasileiro em associação com as variadas atividades propostas pelo método estrangeiro, torna-se um tema relevante para o aprofundamento nos estudos desta prática musical. Dessa forma, este estudo pode contribuir para a reflexão sobre os aspectos técnico-interpretativos e pedagógicos do ensino de piano, adequados à determinados contextos socioculturais.

2 METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se por um relato de experiência, realizada no curso de extensão da Universidade Católica do Salvador-BA (UCSAL) e em concomitância foi feita uma pesquisa bibliográfica secundária para fundamentar o trabalho,

realizado nos bancos de dados: Scielo, Google Acadêmico, Periódico da CAPES e Base de dados da Associação Brasileira de Educação Musical (ABEM).

Ao final do semestre do curso de extensão no qual fui instrutor, foi aplicado um questionário impresso com as duas turmas, cada turma contendo 06 alunos em um total de 12 alunos, para avaliar como funcionou os processos de aprendizagem, se houve contribuições para o desenvolvimento do grupo de alunos de piano, se as adaptações das músicas brasileiras impactaram o desempenho dos alunos e, dessa forma, verificar a eficácia do método aplicado e dos arranjos de minha autoria com repertório brasileiro utilizados. De modo a preservar a identidade dos alunos entrevistados, estes serão nomeados e numerados como Aluno 01, Aluno 02, assim respectivamente.

3 BREVE HISTÓRICO DO PIANO EM GRUPO

No intuito de compreender as práticas de ensino de piano em grupo, considera-se relevante abordar alguns aspectos históricos e conceituais sobre este tema no contexto brasileiro. Esta modalidade de ensino do piano teve sua origem no século XIX, na Irlanda, em 1815 (VIDEIRA, 2011). Segundo este autor, fez-se necessário a expansão de cursos e materiais escritos, tendo em vista a contribuição positiva desta nova modalidade pedagógica, a expandir-se para vários países.

No Brasil, tendo em vista a necessidade de investigar os benefícios e contribuições que o ensino de piano em grupo proporciona, inicia-se uma discussão e prática sobre o ensino de piano em grupo, onde os educadores começam a reconhecer as contribuições desta prática. Segundo Montandon (1992), em 1970, a professora Maria de Lourdes Junqueira Gonçalves abordou um projeto de pesquisa intitulado “O Ensino de Piano em Grupo” (REINOSO, 2012).

Nesse sentido, alguns fatores foram fundamentais para a disseminação dessa nova modalidade pedagógica, tais como: o curso de extensão oferecido para professores se especializarem nessa prática pedagógica e o curso de especialização -- esses cursos foram oferecidos pela UFRJ e UNIRIO, ambos na década de 1980 (REINOSO, 2012). Tais contribuições foram essenciais para a disseminação desta prática pedagógica em todo território brasileiro.

Na Bahia, essa prática inicia-se em Salvador, no ano de 1989, por iniciativa do professor Paulo Costa Lima da Escola de Música da UFBA (SANTIAGO, 1995). Esta autora ressalta que apesar da iniciativa do professor Paulo Costa Lima de implantar essa nova modalidade de ensino na oficina de música da UFBA, juntamente com Santiago, esse novo modelo sofreu discriminação por parte do corpo docente, assim como pelos pais e alunos da escola. Embora a aula de piano em grupo remonte alguns séculos, essa prática pedagógica no primeiro momento em Salvador causou estranheza já que o padrão habitual era a aula individual (SANTIAGO, 1995).

4 A MUSICALIZAÇÃO ATRAVÉS DO EPG NO CURSO DE EXTENSÃO DA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR

4.1 METODOLOGIA APLICADA NO CURSO DE EXTENSÃO DA UCSAL

Foram coletados dados de campo no período de 22 de março a 08 de julho de 2018, utilizando-se do método Piano 101 (LANCASTER; RENFROW, 1999). Houve ao longo do curso, dezesseis aulas, três avaliações e um questionário realizado com duas turmas, cada turma contendo seis alunos, em um total de doze alunos.

Com esse material didático foi possível trabalhar diversos aspectos musicais com os alunos, tais como: postura corporal, posicionamento das mãos, leitura relativa e absoluta, aspectos técnicos, leitura intervalar, entre outros, através da aplicação de elementos progressivos de percepção e teoria musicais integrados.

Para cada aula foram criados um plano de aula contendo os objetivos específicos. Ao final de cada aula, foi feito um relatório contendo informações sobre o desenvolvimento de cada aluno. O planejamento das aulas foi elaborado a partir do cruzamento de informações e ementa do curso, juntamente com a metodologia do material didático. Esse planejamento sofreu algumas mudanças durante o processo.

4.1.1 Das avaliações

As avaliações foram divididas em três categorias: a primeira avaliação foi prova escrita aconteceu no nono encontro; a segunda avaliação foi processual, abarcando a frequência e participação; e a terceira foi no décimo sexto encontro por meio de performance em público. Para ministrar as aulas, foi criado um plano de curso geral contendo informações sobre os objetivos e conteúdo.

4.1.2 Apresentação pública dos alunos ao final do curso

A performance dos alunos aconteceu no último encontro na sala de apresentação musical, onde contém um piano de cauda acústico, isolamento acústico, ar condicionado, e cadeiras para a plateia.

Durante a apresentação dos alunos, foi possível observar a satisfação deles com o resultado, algo muito significativo onde os alunos colocaram em prática o que foi desenvolvido durante o processo de estudo. Durante a apresentação havia convidados na plateia, amigos e familiares dos alunos para assistirem à performance dos mesmos.

Essa experiência musical foi bastante significativa e satisfatória para ambos, foi possível notar a dedicação e felicidade de cada aluno durante o processo final. Ao ver o resultado, alegrou-me em ver que todo processo atingiu a culminância desejada, deixando ótima expectativa para turmas futuras, além de ter adquirido experiência profissional.

4.1.3 Caracterização e contextualização das turmas

A Universidade Católica do Salvador contribui para a disseminação da musicalização através do piano em grupo, abrindo vagas na extensão para as comunidades interna e externa à mesma, direcionadas às pessoas interessadas em estudar música, possibilitando, assim, o acesso de pessoas detentoras ou não de conhecimento musical teórico/prático no curso de extensão.

Sobre o conhecimento musical prévio dos alunos, foi possível perceber que alguns destes alunos tinham bastante facilidade com a parte prática de execução,

todavia não tinham nenhum conhecimento da teoria musical, já outros alunos não possuíam conhecimento musical prévio. Tal fato possibilitou uma forte heterogeneidade quanto à composição das turmas.

4.1.5 Descrição das atividades

Inicialmente foi trabalhado a leitura relativa como preparação para a leitura absoluta, já na pauta ou pentagrama, utilizando-se de figuras rítmicas entre mínimas e semínimas, assim como suas pausas respectivas, através da exploração do registro do piano em movimento ascendente e descendente. Tais elementos de aprendizagem estão representados no gráfico dos exercícios propostos, culminando na execução da primeira peça de repertório, *Two By Three* (Figura 1), executada por ambas as mãos em movimento alternado, visando tocar cinco teclas pretas do piano, tendo como base o acompanhamento do professor.

Figura 1 – Leitura relativa

SOLO REPERTOIRE

POSITION

RH

LH

Two by Three

E. L. Lancaster
 Kenon D. Renfrow

1-12 (54)

Lively

RH 3 2 3 | 3 2 3 | 3 2 3 | 3 2 3 |

LH 2 3 4 | 2 3 4 | 2 3 4 | 2 3 4 |

mf

5

RH 3 2 3 | 3 2 3 | 3 2 3 | 3 2 3 |

LH 2 3 4 | 2 3 4 | 2 3 4 | 2 3 4 |

Fonte: Piano 101 (Lancaster;Renfrow, 1999).

Figura 2 – Acompanhamento do professor

TEACHER ACCOMPANIMENT*

Lively ($\text{♩} = 100$)

mf

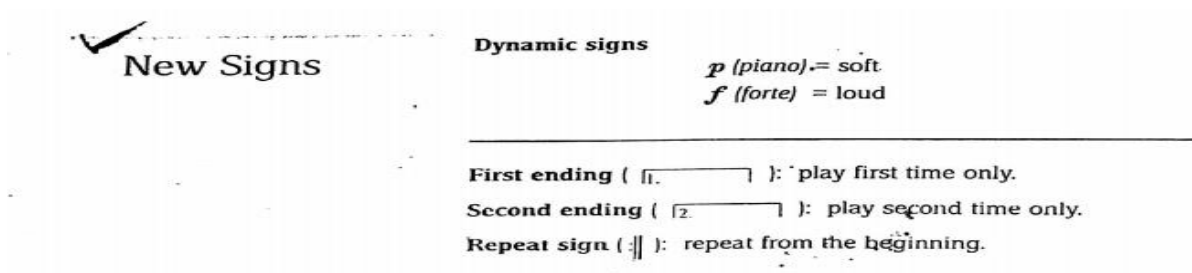
with pedal

5

Fonte: Piano 101 (Lancaster;Renfrow, 1999).

Na segunda unidade do livro foram trabalhados exercícios nas teclas brancas em movimento ascendente e descendente, utilizando o grupo de três e quatro notas musicais. Inicialmente aplicou-se as notas (C, D, E) e posteriormente as notas (F, G, A, B), com figura rítmica de semínima, mínima e semibreve. Em seguida, foi introduzido sinais de dinâmica (p) piano, (f) forte, e a introdução de sinais de repetição representados pelo ritornelo, casa 1 e casa 2 (vide Figura 3), objetivando a execução da música *Summer Night*, com a mão direita. Seguindo a mesma proposta, na pág. 16 do método Piano 101 a execução da música *Simple Elegance*, passa a ser executada com a mão esquerda, ambos utilizando novos sinais de dinâmica, juntamente com acompanhamento do professor.

Figura 3 – Sinal de dinâmica, casa 1, casa 2, sinal de repetição.



Fonte: Piano 101 (Lancaster;Renfrow, 1999).

5 A CRIAÇÃO DE ARRANJOS

Visando a socialização que essa prática pedagógica propicia, utilizei como estratégia a composição tendo por base a música brasileira inerente à realidade cultural dos alunos. Desenvolvi arranjos para serem executados por seis pianos, utilizando o material que foi aplicado durante o processo pedagógico, além de fazer arranjos para facilitar a performance individual de alunos como a adequação ao gosto dos mesmos, e aos diferentes níveis de conhecimentos e habilidades prévios destes.

5.1 DESCRIÇÃO DOS ARRANJOS

Como o arranjo foi utilizado para duas turmas, achei pertinente discriminá-lo para o entendimento do leitor, sendo assim, chamarei a primeira turma de turma (1) e a segunda turma de turma (2).

No primeiro momento o material utilizado foi a música Marcha Soldado, onde escrevi o arranjo para os alunos da turma (1). Nessa turma, havia um aluno com bastante facilidade musical e os demais com relevantes dificuldades musicais. O arranjo foi dividido da seguinte maneira: a clave de fá para o aluno mais avançado e clave de sol para os demais alunos, onde os alunos executavam uma das partes propostas (vide figura 4). Os alunos que foram direcionados a tocar a clave de sol, tocavam alguns compassos e tinham que ficar atento com os compassos em branco, dessa forma, mesmo sem tocar alguns compassos, captava a atenção do aluno a

contar o tempo para entrar no seu compasso correto, propiciando o fluxo melódico. Após várias execuções no formato inicial, eu pedia para os alunos trocarem de sistema, propiciando assim os mesmos a fazerem nova leitura com a mesma peça musical. O aluno que foi direcionado a tocar a clave de fá ficou o tempo todo executando nela mantendo o ritmo para ajudar os colegas, como mostra a figura 4.

Figura 4 – Execução de arranjo para piano em grupo
Marcha Soldado

Arr: José Carlos Gonzaga Dos Santos

♩ = 60

♩ = 60

Fonte: (José Carlos G. Dos Santos, 2018).

6 QUANTO AO FEEDBACK DOS ALUNOS

6.1 INTERAÇÃO SOCIAL

No questionário aplicado recebi diversas respostas de satisfação pessoal na prática do piano em grupo, dentre elas, a que chamou-me mais atenção foi o relato de interatividade deles. Os alunos descreveram que não pensavam que uma aula de piano em grupo poderia ser tão prazerosa. Nesse sentido, 90% dos alunos expressaram que a aula realmente foi muito interessante pela dinâmica empregada. Fundamentando tal aspecto, Cruvinel (2004) considera que a realização de

dinâmicas durante o processo de ensino pode favorecer uma maior integração no grupo.

6.2 QUANTO AO MÉTODO APLICADO

Todos os alunos acharam que o método Piano 101 foi muito bom, comparado ao nível de conhecimento deles. Entretanto, só foi possível compreender o método com ajuda do professor. O professor tem o papel importante de mediador e de traçar estratégias para facilitar a compreensão dos alunos e motivá-los, para que o aluno desperte o interesse pelo assunto.

6.3 MOTIVAÇÃO EM ESTUDAR PIANO EM GRUPO

Mediante a abordagem do Aluno 01, “vê a evolução de cada um e a sua própria evolução motiva para estudar mais”, tendo em vista todas as contribuições que o piano em grupo propicia. Montandon (1992), Videira (2011) e Cerqueira (2009) corroboram a concepção de que a aula de piano em grupo contribui com o desenvolvimento musical do aluno, uma vez que estes se sentem motivados pela interação entre eles. Nesse sentido, todos os alunos entrevistados disseram que essa prática pedagógica é algo muito relevante, e que traz uma série de benefícios.

Nesse contexto, o aluno 02 expressa que “estudar em grupo foi muito significativo porque foi possível tocar música em grupo e poder ouvir o repertório dos colegas.” Cerca de 90% dos alunos entrevistados concordaram com tal perspectiva acerca do estudo do piano em grupo. Esse contato com a variedade de repertório é um dos fatores que contribui com a percepção musical do aluno e a motivação para ampliar os seus estudos musicais.

Os arranjos facilitaram a compreensão e execução do repertório proposto. Isso contribuiu para dar noções de tocar em conjunto, facilitando a aprendizagem dos tipos de andamento, leitura musical, contagem de tempo dentre outros.

6.4 A IMPORTÂNCIA E BENEFÍCIOS EM ESTUDAR PIANO EM GRUPO

Videira (2011) relata que o aprendizado de piano em grupo amplia as possibilidades de uma aula individual, onde a dúvida de um contribui com o aprendizado do outro. Nesse contexto, o Aluno 03 expressa: “achei interessante, aprendi muitas coisas que não tinha a menor ideia de prática de conjunto. Dúvidas levantadas por colegas e solucionadas pelo professor, fez com que eu aprendesse mais.”.

6.5 QUANTO AO MÉTODO PIANO 101

Segundo Machado (2015), o livro publicado por Lancaster e Renfrow é o mais fiel à linha conservadora musical dentre a análise feita por ela, em alguns métodos norte-americanos. Essa autora ressalta que a forma de organização deste método advém dos conceitos teóricos, além de propor atividades de repetição acerca do processo de execução musical, sendo o mais didático e organizado.

Nesse contexto, o Aluno 09 relata que “achei o material interessante e didático para os iniciantes. Os exercícios são essenciais para aprender músicas.” Já o aluno 06 diz que: “o método facilita na questão da leitura musical sem partitura [leitura relativa] e depois com partitura [leitura absoluta]”.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi investigar, por meio de observação e questionário o processo de aprendizagem de piano em grupo, de duas turmas de alunos no curso de extensão da Universidade Católica do Salvador (UCSAL).

A partir do que foi analisado nas entrevistas, na análise do método e da metodologia aplicada, constatou-se que a metodologia foi eficaz pela dinamicidade, interatividade, criatividade, aprendizado recíproco e vinculação entre professor, alunos e sociedade.

Na medida em que o professor tem um impacto na construção do indivíduo do ser social, o mesmo possibilita um vínculo direto e indireto na construção da sociedade. A música sendo uma ferramenta extremamente poderosa na educação,

facilita aproximação da educação com a sociedade, o mesmo aconteceu durante as aulas de piano em grupo onde possibilitou a motivação no âmbito intrínseco e extrínseco no processo de ensino-aprendizagem musical em congruência com o referencial teórico visitado.

Dialogando com os referenciais teóricos visitados, foi possível perceber as contribuições que essa prática pedagógica do ensino de piano em grupo pode contribuir com minha formação acadêmica, além de possibilitar a percepção e abrangência de novos horizontes no âmbito do ensino-aprendizagem, tendo por esteio o piano como aporte instrumental.

Pretendo aprofundar esta pesquisa, a fim de desenvolver um possível método brasileiro para piano em grupo, com peças que possam ser executadas de forma individual e/ou em grupo, de modo a contribuir para a literatura pedagógica pianística nacional nesta modalidade do ensino pianístico.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Universidade Católica e ao Curso de Licenciatura em Música da UCSAL pela oportunidade.

REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, Daniel Lemos. O arranjo como ferramenta pedagógica no ensino coletivo de piano. **Revista Música Hodie**, v. 9, n. 1,5 ago. 2010.

CRUVINEL, Flávia Maria. I ENECIM–Encontro Nacional de Ensino Coletivo de Instrumento Musical: o início de uma trajetória de sucesso. **Anais do ENCONTRO NACIONAL DE ENSINO COLETIVO DE INSTRUMENTOS MÚSICAIS**. Goiânia: Escola de Música e Artes Cênicas da Universidade Federal de Goiás, 2004.

HILLEY, Martha; OLSON, Lynn Freeman. **Piano for the Developing Musician, Media Update**. Cengage Learning, 2009. Disponível em:
<<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=c7kXgJIONuoC&oi=fnd&pg=PR5&dq=HILLEY,+Martha%3B+OLSON,+Lynn+Freeman.+Piano+for+the+Developing+Musician,+Media+Update.+Cengage+Learning,+2009.&ots=cfX7jtiUUv&sig=O8K3uhQ7iKCZwTmhTiOObckmhEw#v=onepage&q=HILLEY%2C%20Martha%3B%20OLSON%2C%20Lynn%20Freeman.%20Piano%20for%20the%20Developing%20Musician%2C%20Media%20Update.%20Cengage%20Learning%2C%202009.&f=false>>
. Acessado em: 02 de Novembro de 2018.

LANCASTER, E. L.; RENFROW, Kenon D. **Alfred's Piano 101**. New York: Alfred Music, 1999.

LINDEMAN, Carolyn A. **Pianolab: An introduction to class piano**. Thomson Schirmer, 2008.

MACHADO, Simone Gorete. Estudo comparativo de livros didáticos norte-americanos para piano em grupo. **Ictus-Periódico do PPGMUS/UFBA**, v. 13, n. 02, 2014.

MACH, Elyse; KEVEREN, Phillip. **Contemporary class piano**. Harcourt Brace College Publishers, 1996.

MONTANDON, Maria Isabel. Aula de piano e ensino de música: análise da proposta de reavaliação da aula de piano e sua relação com as concepções pedagógicas de Pace, Verhaalen e Gonçalves. 1992. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/79483>>. Acessado em: 05 de Outubro de 2018.

REINOSO, Ana Paula T. **O ensino de piano em grupo em universidades brasileiras**. 2012. Tese de Doutorado. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

REINOSO, Ana Paula. A Inserção do Ensino de Piano em Grupo no Brasil: episódios marcantes. **Anais do SIMPOM**, v. 2, n. 2, 2012.

SANTIAGO, Diana. AS "OFICINAS DE PIANO EM GRUPO" DA ESCOLA DE MÚSICA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (1989-1995). **Revista da ABEM**, v. 2, n. 2, 1995.

ARAÚJO, Rosane Cardoso de; TORRES, Sérgio Inácio. **Um estudo de desenvolvimento sobre a aprendizagem do piano em grupo**. **O Mosaico**, 2014. [Internet], Disponível em: <<http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/viewFile/80/pdf>>. Acesso em 05 de Outubro de 2018.

TORRES, Sergio Inácio. **Aprendizagem de piano em grupo no ensino superior**. 2011, [Internet] Disponível em: <<https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/26129>>. Acessado em 05 de Outubro de 2018

VIDEIRA, Mário. Ensinando piano em grupos. **Revista Espaço Intermediário**, v. 1, n. 3, 2011.